

WALNICE NOGUEIRA GALVÃO
Professora de Teoria Lite-
rária da USP.

Inicialmente, gostaria de fazer algumas reflexões sobre os antecedentes deste debate de hoje.

Em nossa reunião prévia para acertarmos os relógios a respeito dos trabalhos que apresentaríamos aqui, dois pontos chamaram minha atenção.

Primeiro, o inegável interesse pelo tema "Sociologia e Literatura" ou "Sociologia da Literatura". Pois, dentre os milhares de temas que poderiam ser escolhidos para uma reunião de quatro dias sobre literatura e ensino de literatura, um dos poucos a serem efetivamente escolhidos foi este. Então, é um tema que desperta mais interesse do que muitos outros; eu, pelo menos, desperto mais o interesse dos organizadores desta reunião, que, deve ser pressuposto, representam ou sentem no ar o interesse de, pelo menos, parte de seus alunos e colegas.

Este é o primeiro ponto. E o segundo é este outro: eu notei, todos notamos, e foi discutido, o fato de que quem tinha formação universitária curricular em Letras mostrava muito interesse pelo tema, enquanto Maria Sílvia Carvalho Franco, aqui a meu lado, e eu, que temos formação universitária curricular em Ciências Sociais, mostrávamos pouco interesse pelo tema.

Um parênteses: daqui por diante, falarei só por mim, porque não pedi autorização a Maria Sílvia para falar também em nome dela.

* Os textos estão sendo transcritos tal como foram apresentados durante o "II Encontro de Professores de Língua e Literatura".

No momento, então, em que ficou claro na discussão preliminar esse conflito entre interesse e desinteresse, só posso dizer que a discussão ficou interessantíssima.

Tanto naquele momento, como nos dias que se seguiram, tentei pensar um pouco no significado desse conflito. E, me parece, mas eu gostaria de debater estes tópicos com mais vagar, tanto com meus companheiros de mesa quanto com os colegas do auditório, que a questão se apresenta aproximadamente de uma maneira que tentarei descrever a seguir.

Quem tem formação em Letras se ressente de uma visão ao mesmo tempo excessivamente especializada e excessivamente restrita. Nos cursos de Letras aprendemos a contar sílabas nos versos, aprendemos o que é metáfora, aprendemos a distinguir o eixo sintagmático do eixo paradigmático, aprendemos o que é um actante e o que é uma função actancial. Tudo muito correto, muito necessário, e sem isso não se faz uma análise de texto literário que seja minimamente decente.

E de que sentimos falta? Sentimos falta de tudo aquilo que relacione o texto com seu contexto, a relação do texto com a vida, a relação do texto com os problemas vivos do tempo em que foi escrito, a relação viva do texto com seu autor, a relação viva do texto com seus leitores.

Então, achamos que outros ramos do conhecimento podem fornecer essas respostas. Nesse caso, não só a Sociologia deveria ser chamada em nosso auxílio, mas várias outras disciplinas que lidam com assuntos humanos, como Economia, Antropologia, Política, sobretudo História.

E, nesse caso, o que podemos pedir à Sociologia?

Podemos pedir à Sociologia que nos esclai-

reça a respeito do gosto médio ou dominante da camada de leitores a quem dada obra literária se destina, numa dada sociedade.

Podemos ainda pedir à Sociologia que nos esclareça sobre o prestígio ou o desprestígio de uma determinada forma literária, em dado momento histórico. Por exemplo, porque o gênero epistolar era tão prezado no século XVIII e porque depois perdeu estatuto literário.

Podemos, por outro lado, pedir à Sociologia que nos explique por que o romance - e estou falando da melhor literatura possível, como exemplo aquela praticada por Balzac - tem certos problemas de uma estrutura interna recorrente. Esses mesmos problemas, e vou mencionar um caso mais próximo, ocorrem também nas Memórias de um Sargento de Milícias, de Manuel Antonio de Almeida. A saber, cada sintagma narrativo atinge seu ponto máximo de tensão ao fim de um certo número de páginas, para cair bem baixo imediatamente, o que se repete até o fim.

Aqui, a Sociologia pode nos responder que tanto Balzac como Manuel Antonio de Almeida escreviam para jornal. E tinham que produzir um trecho sempre do mesmo tamanho, geralmente um rodapé de oito colunas, o que os obrigava a aumentar a tensão até o fim do trecho para interrompê-lo no melhor pedaço e manter o suspense, obrigando o leitor a comprar o jornal no dia seguinte para saber o que tinha acontecido depois. É a mesma técnica utilizada hoje em novela de televisão. A Sociologia ainda nos dirá algumas coisas úteis a respeito, explicando porque justamente nessa época o jornal é o grande comprador de literatura, e que coincide com a implantação, até agora definitiva, do jornal como veículo de massa para um público urbano - interessado em novidades. E que novidades? Notícias, literatura nova, bens de consumo que eram anunciados no jornal; mas, aqui, o anunciante é quem pagava ao jornal para poder atingir o público potencialmente comprador desses bens.

Que mais podemos ainda pedir à Sociologia?
Infelizmente, não creio que muita coisa mais.

Gostaria de ilustrar esta explanação mencionando uma análise literária feita por um crítico que tem formação em Letras e em Ciências Sociais. Trata-se do ensaio "A dois séculos d'O Uruguai", publicado em Vários Escritos, de Antonio Cândido (1970, S.Paulo, Ed. Duas Cidades). Ali, o crítico, depois de examinar todos os fatores históricos, sociais e políticos que cercaram a composição do poema de Basílio da Gama, propõe que se mude a sua leitura habitual. Se o poema fôr lido em seu caráter de "verrina anti-jesuítica", com base no que se sabe de seu contexto e de seu texto, leremos um poema épico mal composto e sem muita graça. Mas, ao contrário, se se der prioridade ao texto, se se der ao texto o tratamento que ele próprio pede, a leitura do poema se transfigura. O crítico mostra a perícia com que o elemento lírico é tratado, chama a atenção para a habilidade na montagem dos contrastes de cor, privilegia as imagens de movimento, níveis em que o autor realiza verdadeiras proezas literárias. E acaba propondo até uma mudança de tema: se a leitura tradicional via no poema a colaboração do comandante português e o de-negrimento dos jesuítas, deixou por isso de ver o tema mais profundo, que é o do confronto de culturas.

Assim, o crítico tem a capacidade de submeter seus instrumentos de análise àquilo que o texto pede enquanto obra de arte; e, isso, não vem da Sociologia.